

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Bruna Augusta Ribeiro Costa

Incentivar a Escrita Criativa
O texto literário como polo inspirador no
1.º e no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Abril de 2013



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Bruna Augusta Ribeiro Costa

Incentivar a Escrita Criativa
O texto literário como polo inspirador no
1º e no 2º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino dos 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

Trabalho realizado sob orientação do
Doutor José António Brandão Carvalho

Abril de 2013

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTES RELATÓRIOS APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

“Ao falarmos de uma revolução cultural, devemos ver nela o desejo de alargar o processo ativo de aprendizagem – incluindo o domínio da leitura, da escrita e de outras atividade de comunicação de nível superior – a todas as pessoas, em vez de apenas a grupos limitados; tal é comparável em importância ao crescimento da democracia e ao desenvolvimento da produção científica.”

Williams, 1962

“Para mim, a educação tem de produzir criadores, mesmo que não sejam muitos, mesmo que as criações de um sejam limitadas em relação às do outro. Mas é preciso produzir inventores, inovadores, e não conformistas...”

Piaget, 1986

AGRADECIMENTOS

Considero que a elaboração de um Relatório é um produto individual, mas, para a sua concretização, contribuíram todos quantos me ajudaram e apoiaram, tanto no campo pedagógico-didático como no afetivo.

A todos quantos me ajudaram exprimo a minha gratidão.

Agradeço a todos os que sempre me apoiaram e acreditaram em mim, assim como ao supervisor, doutor Brandão que, dando uma palavra de apreço, transmitiu tranquilidade e ânimo.

Não posso deixar de agradecer, em especial, à professora Rute Pereira e à professora Fátima Brás, pelo apoio, estima, dedicação, interesse e disponibilidade, assim como à minha amiga Rita, que fez par pedagógico comigo, pelo apoio, amizade e disponibilidade.

Aos alunos, pelo carinho e ternura com que nos receberam na sala.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação académica e pessoal.

Em último, sem menos apreço, aos meus pais, pela formação, pelos valores e pela oportunidade, pois, sem eles, isto não teria sido possível.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma descrição da forma como desenvolvemos o projeto de investigação - Incentivar a Escrita Criativa - O texto literário como polo inspirador no 1.º e no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Tendo em conta o que tem sido o ensino/aprendizagem da escrita na disciplina de Língua Portuguesa em vários níveis escolares e as respetivas práticas na sala de aula, sentimos necessidade de refletir sobre o processo da escrita, não como produto acabado e com valor literário, mas como competência em construção e de interesse pedagógico e didático.

Assim, depois de uma breve introdução, apresentámos o desenvolvimento deste tema em cinco partes, rematando com as conclusões finais.

Na primeira parte, mostrámos as questões de investigação e os objetivos atingir. Depois, fazemos a caracterização do contexto. Seguidamente, abordámos a metodologia. Na quarta parte, o enquadramento teórico e, finalmente, apresentámos a intervenção realizada e a análise dos produtos. Esta intervenção articulou atividades do domínio da leitura e da escrita. Partiu-se da leitura de uma obra de literatura infanto-juvenil para atividades de produção textual em contexto de oficina de escrita.

ABSTRACT

This paper presents a brief description of how we contribute to the development of the project of research - Encourage the Creative Writing-the literary text as an inspiring polo in the 1st and 2nd Cycles of basic education, (case study in classes of both Cycles).

Regarding to what has been the learning of writing in the discipline of Portuguese language in various school levels and its respective practices in the classroom, we need to reflect on the writing process, not as a finished product with just a literary value, but as a building competence with pedagogical and didactic interest.

So, after a brief introduction, we have made the development of this theme in five parts followed by the final conclusions.

In the first part, we showed the research questions and goals to achieve. Then, we made the characterization of the context and, later, we dealt with the methodology. In the fourth part, we presented the theoretical framework and, finally, we displayed the project and analysis of intervention products. This intervention articulated activities in the field of reading and writing. The reading of a work of literature for children and adolescents was the starting point for textual production activities in the context of a writing workshop.

ÍNDICE de FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Concelho de Guimarães.....	4
--	---

ÍNDICE de ANEXOS

Anexo 1 – Questionário.....	44
------------------------------------	----

ÍNDICE GERAL

I.	INTRODUÇÃO.....	1, 3
II.	CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DO TRABALHO	4
III.	O AGRUPAMENTO.....	5, 8
IV.	METODOLOGIA.....	9, 16
V.	ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	17, 20
VI.	O PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	21, 28
VII.	TRABALHOS ELABORADOS PELOS ALUNOS.....	29, 35
VIII.	ANÁLISE DOS PRODUTOS.....	36
IX.	CONCLUSÃO.....	37, 38
X.	BIBLIOGRAFIA	39, 41
XI.	WEBGRAFIA.....	42
XII.	ANEXO.....	43

I. INTRODUÇÃO

O presente projeto insere-se no âmbito da Unidade Curricular *Prática de Ensino Supervisionada*, do Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º ciclo do Ensino Básico. Numa primeira fase, foi desenvolvido no 1.º ciclo do Ensino Básico, tendo sido, posteriormente, transposto para o nível de Ensino seguinte, o 2.º ciclo.

Este projeto fundamenta-se no pressuposto de que a expressão Escrita Criativa se refere a diferentes tipos de escrita que implicam especialmente a imaginação como elemento desencadeador. A “Escrita Criativa” pretende integrar no processo de escrita todos os alunos, motivando-os para a expressão dos seus sentimentos e pensamentos de forma criativa.

Embora inclua a ficção, o drama, a poesia, o guião, a escrita autoexploratória, a autobiografia e os géneros híbridos, a escrita criativa vai muito para além desses modelos, na medida em que traduz a diversidade de vozes que a interioridade do escrevente decide registar em qualquer momento.

A Escola é o ambiente de integração da criança no ensino formal da escrita. No entanto, o início da escolaridade constitui um marco contraditório na vida da criança, significando, por um lado:

“A descoberta de uma mistura de novos processos de expressão e de descobertas, por outro, a entrada num mundo ritualizado com limites restritos e muitas vezes inibidores da originalidade e da criatividade, a aprendizagem das normas do registo escrito.” (<http://ticland.wordpress.com/>)

Este conflito entre as expectativas e a realidade escolar vê-se na descoberta da leitura e da escrita, pois, as regras e as obrigações tornam, muitas vezes, o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita em algo cinzento e rotineiro. (idem) Contudo, sabemos que é possível aprender a escrever, dinamizando outros saberes, recorrendo aos mundos acessíveis pelos textos literários, que são promotores do envolvimento afetivo com a criatividade que aí se encontra.

No sentido de poder vir a colmatar as dificuldades sentidas pelos alunos nesta fase de escolaridade, decidimos optar pelo envolvimento na Escrita, pois entre a obrigação e o prazer que o ato de escrever pode implicar há um longo percurso a percorrer:

“A escrita, umas vezes conquistada de forma consciente, outras, como que por osmose com a leitura, deve também constituir-se como uma fonte de prazer e de produtiva interação com os textos. Só atividades de escrita plurifacetadas e

motivadoras permitem a evolução do processo de escrita, que pode ter efeitos inibidores e de difícil superação.” (idem)

Deste modo, a criatividade linguística, como ferramenta para promover o gosto e o prazer da leitura e da escrita, constitui um aspeto fundamental na escola que deve ver a criatividade como um meio e, simultaneamente, como um fim.

“O ensino básico constitui-se como a etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma mais ampla, o princípio democrático que informa todo o sistema educativo e contribui por sua vez, decisivamente, para aprofundar a democratização da sociedade, numa perspetiva de desenvolvimento e de progresso, quer promovendo a realização individual de todos os cidadãos, em harmonia com os valores da solidariedade social, quer preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade.” (DEB, 2004:11).

A propósito, João Mancelos (2010)¹ refere que:

“Há numerosos céticos que olham com desconfiança a possibilidade de se ensinar escrita criativa. Afinal, lecionar esta competência não é o mesmo que ensinar biologia, matemática ou ciências. Por um lado, a literatura é uma arte e, como tal, é complexa e subjetiva; por outro, a apreensão das técnicas de pouco vale, se o aluno não possuir talento, ou melhor dizendo apetência, para a escrita.”

Assim, a escola deve tornar os alunos capazes de criarem documentos que lhes deem acesso às múltiplas funções que a escrita desempenha na sua sociedade.

Como dizem Luís Barbeiro e Luísa Álvares Pereira (2007:15) “a escrita exige a capacidade de seleccionar e combinar as expressões linguísticas, organizando-as numa unidade de nível superior, para a construir uma representação do conhecimento.”

Ao dar os primeiros passos como professora, considero importante explorar competências e desenvolver uma atitude reflexiva sobre estratégias de aprendizagem. A forma como os alunos aprendem e o saber como atuar para favorecer a sua aprendizagem dependem, sobretudo, da reflexão pois é assim que se constrói e organiza o conhecimento didático.

¹ <http://joaodemancelos.files.wordpress.com/2012/01/oensinodaescritacriativaemp Portugal.pdf>

Neste relatório de estágio, dou conta das reflexões, dos esforços que desenvolvi e defini. Os objetivos a atingir, as estratégias a seguir, constituíram em si mesmos desafios. Por outras palavras, o principal objetivo do docente em formação inicial (estagiário) é permitir reagrupar diferentes atividades que mostram as suas aprendizagens e estabelecer relações entre estas diferentes aprendizagens e os objetivos da formação ou do ensino a que está sujeito.

A elaboração deste relatório permite realçar o processo de integração pessoal dos diversos saberes adquiridos ao longo da formação teórica e prática. Permite, ainda, desenvolver as aptidões, constituindo uma síntese das aprendizagens, mostrando aquilo que já foi adquirido e o que ainda falta, isto é, mostrando o percurso pessoal, bem como profissional, do docente em formação, permitindo-lhe explorar as suas competências e desenvolver o conhecimento de si e do seu percurso de formação.

OBJETIVOS

- Incrementar a expressividade (escrita, oral e corporal);
- Fomentar uma visão personalizada do mundo em redor;
- Estruturar o encadeamento do raciocínio;
- Desenvolver as competências orais e escritas;
- Criar contextos de produção que potenciem o desenvolvimento da escrita;
- Estimular a criatividade dos alunos.

II. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DO TRABALHO

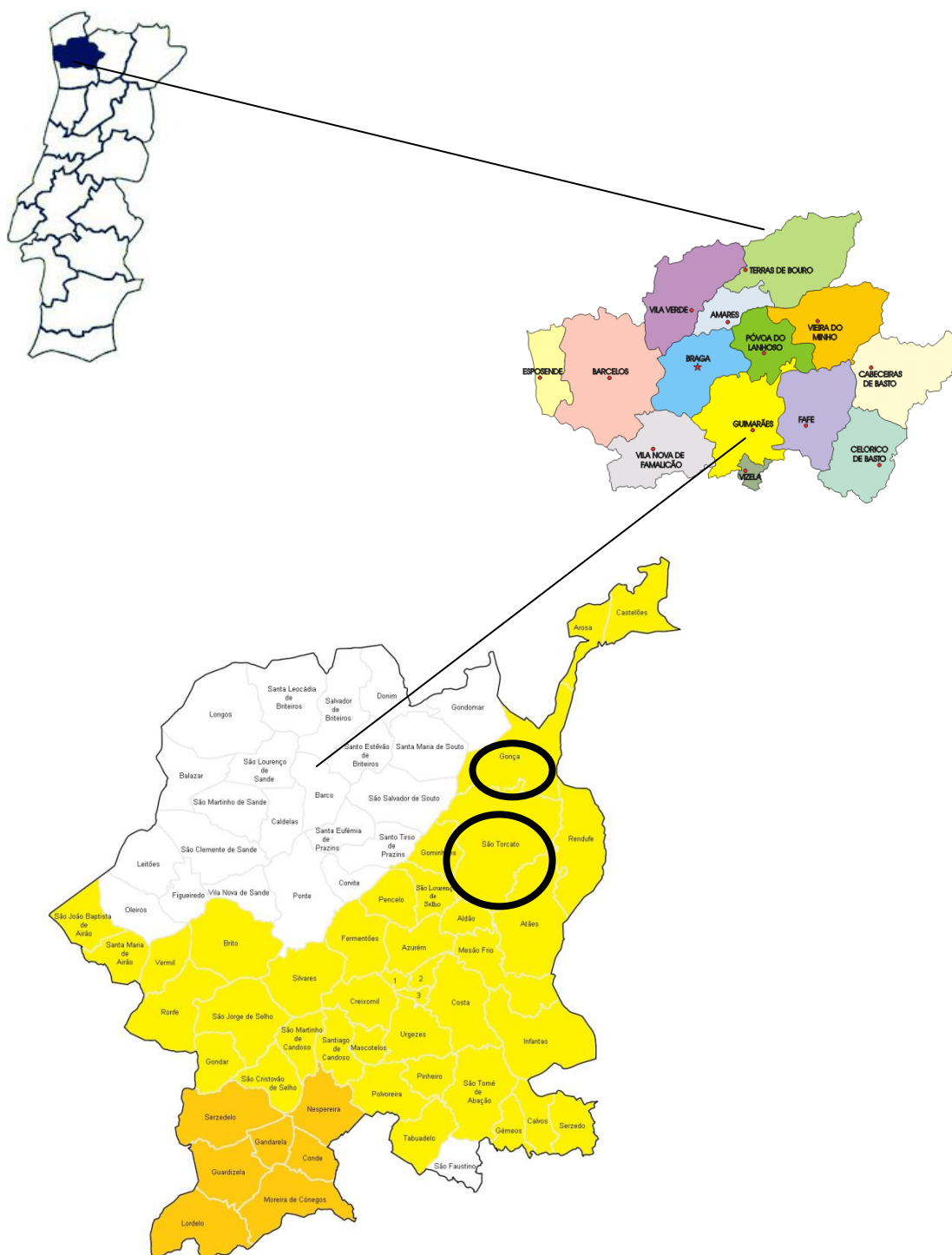


Figura 1 – Mapa do Concelho de Guimarães

III. O AGRUPAMENTO

O estágio foi realizado num Agrupamento de Escolas do Concelho de Guimarães, estando a respetiva sede situada numa freguesia/que se constitui como polo de desenvolvimento das freguesias circundantes.

Além da Escola sede, o Agrupamento é constituído por mais oito estabelecimentos de Educação/Ensino: uma Escola Básica de 1.º Ciclo, um Jardim de Infância e seis estabelecimentos que abrangem a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O índice de natalidade na área do Agrupamento tem vindo a diminuir de há uns anos a esta parte. Tal facto deve-se a diversos fatores, dos quais importa referir a faixa etária mais jovem por parte dos pais e consequente aumento da sua escolaridade.

A população ativa apresenta um grau de instrução reduzido, com reflexos num baixo horizonte cultural para os filhos, pelo que a valorização da Escola como entidade formadora está ainda distante de ser uma realidade. Com efeito, a escolaridade obrigatória é considerada como um fim em si e não um meio para o prosseguimento de estudos ou a obtenção de níveis de qualificação mais elevados.

A estrutura económica desta zona assenta fundamentalmente em setores tradicionais de baixa produtividade, resultante da fraca dotação de infraestruturas básicas e equipamentos e da baixa formação escolar e profissional da sua população ativa.

Com efeito, a proximidade em relação à cidade de Guimarães, importante centro de desenvolvimento de toda esta região, nomeadamente nos setores secundário (indústria dos têxteis, vestuário, calçado, cutelarias e construção civil), e terciário (serviços), atrai uma significativa parte da sua população ativa, com o consequente abandono de mão-de-obra mais jovem no setor primário. Assim, a população distribui-se de forma desigual entre os vários setores da atividade económica, sendo, em geral, a população mais idosa e com um menor grau de escolaridade que trabalha na agricultura.

Segundo os dados do projeto curricular do agrupamento:

“As características socioeconómicas e culturais dos agregados familiares, associadas às dificuldades do meio nas mais diversas vertentes, a par de horizontes culturais reduzidos de uma parte apreciável da população,

influenciam fortemente a motivação e o rendimento escolar dos alunos, pelo que se torna necessária, cada vez mais, a intervenção e cooperação de todos os intervenientes, no sentido de que a escola, enquanto elemento aglutinador de todas as energias, seja capaz de pôr em marcha uma dinâmica que conduza ao sucesso escolar de todos os alunos e, simultaneamente, à promoção do nível socioeconómico e cultural.”

AS TURMAS

1.º Ciclo

A turma onde estagiámos, numa das escolas do Agrupamento, integrava 11 alunos do 3.º ano e 14 do 4.º ano. No total, era constituída por 25 alunos: 12 do sexo feminino e 13 do sexo masculino. As suas idades estavam compreendidas entre os oito e o onze anos de idade.

A maioria dos alunos provinha de famílias estruturadas, pouco numerosas, constituídas por um agregado familiar de quatro pessoas.

Nesta turma, a maior parte dos alunos era de um meio socioeconómico médio baixo. A maioria dos pais desenvolvia a sua atividade no setor secundário, sendo grande parte, trabalhadores por conta de outrem. Dentro da turma existiam vinte alunos subsidiados de entre os quais, nove obtiveram o escalão A e onze obtiveram o escalão B.

O campo cultural educativo não estava minimamente enraizado. Muitos dos alunos desta escola eram filhos de operários fabris e pedreiros, portanto, com um baixo nível de escolaridade, 4.º e 6.º ano. Só 4 ou 5 encarregados de educação tinham mais que o 9.º ano de escolaridade. Tudo isto se refletia no apoio prestado aos seus educandos e na sua pouca motivação para as atividades escolares. Por isso, a escola tinha de ajustar as competências nacionais à realidade do meio em que estava inserida e à especificidade dos seus alunos.

De uma maneira geral, as crianças tinham, aparentemente, um aspeto bem cuidado, quer em termos de higiene quer relativamente à nutrição. É de referir que a maioria dos encarregados de educação demonstrava interesse em acompanhar a vida escolar dos seus educandos, envolvendo-se e participando sempre que solicitados.

A nível comportamental, a turma apresentava um bom comportamento, apesar de serem um pouco faladores e haver alguns alunos com dificuldades na concentração. As regras estabelecidas estavam bem definidas e a maioria tinha vindo pouco a pouco a aceitá-las e respeitá-las.

Apesar de serem faladoras, as crianças eram, na sua maioria, organizadas e demonstravam cuidado na apresentação dos seus trabalhos.

Nesta turma, existiam alunos muito heterogéneos: havia alunos muito interessados e participativos que exigiam cada vez mais e, em contrapartida, existiam outros, que apesar de se mostrarem motivados, eram mais preguiçosos na execução dos trabalhos.

2.º Ciclo

A segunda parte do nosso estágio decorreu numa turma do 5.º C da Escola sede do Agrupamento. Era uma turma constituída por 22 alunos, 13 do sexo feminino e 9 alunos do sexo masculino. As suas idades estavam compreendidas entre os 10 e os 11 anos.

Segundo o projeto curricular de turma, os alunos eram provenientes de freguesias próximas. A maior parte dos alunos provinha de famílias estruturadas, pouco numerosas, constituídas pelos pais e pelo aluno. Havia dez alunos com um irmão, os restantes não tinham irmãos.

Os encarregados de educação possuíam como habilitações literárias o 2.º ciclo, na sua maioria, sendo que nenhum era analfabeto e nenhum deles possuía habilitações superiores. É de referir que a maioria dos encarregados de educação demonstrava interesse e preocupação em acompanhar a vida escolar dos seus educandos, envolvendo-se e participando sempre que solicitados. Os pais eram, em geral, trabalhadores do setor secundário e por conta de outrem, pelo que a turma tinha um elevado número de alunos subsidiados, tendo seis alunos com o escalão A e dez com o escalão B. Só seis alunos é que não tinham qualquer ajuda económica.

A turma apresentava um comportamento razoável, apesar de existir alguma dispersão motivada por conversas paralelas entre os alunos. Alguns alunos destacavam-se pela sua inquietude; outros revelavam dificuldades na atenção e na concentração.

É de salientar a existência de um aluno bipolar que revelava, por vezes, um comportamento impaciente. Este aluno não foi assíduo, apesar de ter melhorado neste último período, frequentando maior número de aulas.

Na generalidade, a turma revelou um aproveitamento razoável, obtendo em média, a classificação de 3 e 4 como nota final de período.

IV. METODOLOGIA

O projeto foi implementado, numa primeira fase, de novembro a fevereiro, numa turma do 1.º ciclo do Ensino Básico que integrava dois anos de escolaridade (3.º e 4.º). Na segunda fase, de março a junho, foi implementado numa turma do 5.º ano do 2.º ciclo do ensino básico.

A maior parte dos alunos da turma do 1.º ciclo tinha frequentado a educação pré-escolar. No entanto, e após um período de observação participada de duas semanas, reparámos que existiam notórias diferenças ao nível da prática do escrito e dificuldades na organização de um texto escrito entre os alunos. Essas diferenças, embora tivessem a ver com a existência de dois grupos de aprendizagem numa só turma, pareciam ser o resultado de alguma desmotivação pela escrita enquanto atividade que reivindicava a articulação de conhecimentos vários e o acesso à criatividade como elemento potenciador da construção e expansão de texto.

No geral, o 4.º ano tinha melhor aproveitamento, pois estes alunos já vinham a trabalhar com a professora titular, enquanto o 3.º ano revelava muitas dificuldades estando a trabalhar com esta professora pela primeira vez.

Por outro lado, os alunos apresentavam dificuldades várias no que dizia respeito ao seu desenvolvimento linguístico, o que podia ser consequência do meio cultural e social onde se inseriam.

A turma do 2.º ciclo era constituída por alunos que na sua maior parte tinha frequentado a educação pré-escolar.

Após um período de observação participada de duas semanas, concluímos que existiam notórias diferenças ao nível da prática de escrita e dificuldades na organização de um texto escrito entre os alunos, pois estavam pouco motivados para atividades de oficina de escrita.

A turma, em geral, tinha bom aproveitamento, bom comportamento, assim como muita empatia com a professora titular.

Tendo em conta a natureza do projeto, partimos da observação e análise do contexto, com o intuito de avaliar as capacidades e características na nossa área de ação. Esta observação, inicialmente, levou à recolha e análise de dados que nos permitiram definir a problemática a estudar, no sentido de ir ao encontro das necessidades da turma.

Para isso, foi realizado um inquérito, no sentido de verificar se os alunos tinham hábitos de leitura, se eram motivados para tal, se os livros eram um objeto familiar, ...

No que diz respeito à nossa ação/intervenção, baseámo-nos, essencialmente, na ideia de interdisciplinaridade, no sentido de promover o desenvolvimento integral dos alunos, excluindo a ideia de saberes fracionados. Assim, pretendemos ter em consideração as experiências do quotidiano dos alunos, promovendo uma articulação interdisciplinar permitindo dar significado e relevância às aprendizagens escolares, com o intuito de dar sentido ao que se aprendia, tornando funcionais as aprendizagens (Alonso, 2004). Para isso, recorreremos a um vasto conjunto de materiais, partindo do concreto, amparando, assim, os conhecimentos abstratos que podiam advir das várias atividades.

Posteriormente, analisámos os resultados obtidos, ou seja, tentámos perceber o impacto que a nossa intervenção teve no desenvolvimento das competências escritas dos alunos. Nesse momento, avaliámos por um lado a nossa atuação e, por outro, as aprendizagens realizadas pelos alunos.

Para a consecução do projeto, explorámos a obra *Voar em Guimarães* de Maria José Meireles (2002), fazendo a articulação com o projeto “Guimarães - Capital Europeia da Cultura” que o agrupamento estava a trabalhar.

O estágio realizado no 1.º Ciclo do Ensino Básico iniciou-se com a observação da turma, durante duas semanas, para a conhecer melhor e também para conhecer a docente e os seus métodos de ensino.

Na terceira semana de estágio, as estagiárias começaram a planear as aulas para as diferentes áreas, lecionando alternadamente.

Ao longo destas semanas, a professora cooperante foi orientando todo o nosso trabalho e auxiliando as nossas dificuldades.

No dia 8 de novembro, entrevistamos na área do Estudo do Meio, para o 3.º ano, com o conteúdo “os seres vivos e os não vivos”; no dia 9 de novembro, na área da Matemática, para o 4.º ano, com situações problemáticas e, para o 3.º ano, com as unidades de tempo (horas, minutos e segundos); no dia 10, na área da Língua Portuguesa, leitura e interpretação de um texto de António Torrado, “A última castanha”.

A leitura do texto (*A Última Castanha* - de António Torrado) foi efetuada pelas estagiárias através da projeção de PowerPoint. De seguida, cada aluno leu uma frase do

texto, que estava repartido por tiras, colocadas aleatoriamente, nas “caixinhas das castanhas” de cada aluno; depois, fizemos a exploração, análise e interpretação do texto (descoberta de expressões idiomáticas), seguido de diálogo moderado entre os alunos e as docentes. Seguiu-se a síntese dos momentos mais importantes do texto, (estado inicial da castanha, aspetos psicológicos dela e estado final da mesma) e o “Roteiro de Leitura”. Os alunos escreveram a palavra que disseram na folha de papel, outro colega colocou a tira no placar do roteiro, para que todos participassem na atividade.

Para concluir a atividade, os alunos registaram no caderno diário o Roteiro de leitura, efetuado pelos mesmos.

Segundo a organização curricular e programas do Ensino Básico – 1.º ciclo M.E. (2009), no qual trabalhámos a comunicação oral e a comunicação escrita, os alunos devem exprimir-se oralmente, com progressiva autonomia e clareza, em função de objetivos diversificados: utilizar a língua como instrumento de aprendizagem e de planificação de atividades (discussões, debates, leituras, notas, esquemas); utilizar a leitura com finalidades diversas (prazer e divertimento, fonte de informação, de aprendizagem e enriquecimento da língua); desenvolver a competência de leitura relacionando os textos lidos com as suas experiências e conhecimento do mundo.

Num segundo encontro, já nos encontrávamos menos apreensivas e nervosas, pois o local, a professora e os alunos já nos eram familiares.

Depois de lecionarmos em conjunto, chegou a hora de outra etapa, a intervenção individual. Cada estagiária escolheu uma área para trabalhar durante uma semana de estágio (três dias, 22, 23 e 24 de novembro).

Escolhemos a área da Língua Portuguesa, uma vez que o projeto incidia nesta área de estudos, em que explorámos um texto narrativo de José Jorge Letria “O Coração de robô”.

E várias etapas decorreram: entrega do texto em fotocópia aos alunos; leitura do texto, efetuada pela estagiária; cada aluno leu um parágrafo do texto, de forma a todos lerem; jogo de leitura: um aluno leu as falas da personagem, depois os meninos leram um parágrafo e as meninas, outro; exploração, análise e interpretação do texto, diálogo moderado entre os alunos e a estagiária; síntese dos momentos mais importantes do texto, assim como o levantamento das personagens do texto, o tempo e o estado psicológico da personagem principal; registos no caderno da escola do esquema feito no

quadro pelas estagiárias do item acima descrito; realização de um texto “palavra puxa palavra” sobre a temática do texto “Coração de Robô”.

Não podemos deixar de realçar os pontos positivos de todo o percurso como docente, pois conseguimos vencer um grande desafio: o contacto com os alunos, a confiança depositada na estagiária por parte das crianças, e, por fim, a produção do plano de aula. Pensámos que nos íamos deparar com mais dificuldades nestas realizações.

Depois desta atividade, surgiu outra intervenção individual, e, uma vez que estávamos na última semana de aulas e próximo do Natal, decidimos propor a criação de um texto coletivo sobre esta festividade. Os alunos foram dizendo frases e depois construímos um texto.

Como primeira atividade, produção escrita em conjunto de um conto de Natal, [um aluno foi ao quadro e escreveu uma frase, a que o colega teve de dar seguimento e logo depois outro... sem nunca apagar o que o colega anteriormente tinha escrito. Acrescentar era permitido]. A professora começou o texto propondo o título – Um conto de Natal e o início – Na véspera de Natal... Enquanto cada aluno ia ao quadro, a professora dirigia a construção do texto, corrigindo alguns erros e alertando para algumas ideias, para que este tivesse coerência. Depois de todos os alunos passarem pelo quadro e escreverem uma frase ou uma ideia, todos leram o texto e fizeram algumas alterações. Posteriormente, os alunos passaram o texto para o caderno da escola ao som de uma música de Natal. Posto isto, o professor perguntou qual era o símbolo do Natal mais frequente, a seguir ao Pai Natal. A professora distribuiu, então, uma fotocópia, onde os alunos uniram as letras de A a Z, que resultavam num pinheiro de Natal, após o que os alunos fizeram a decoração do desenho com texturas, pontos ou linhas. Também esta atividade se realizou acompanhada com música de fundo de Natal. Por fim, a professora entregou uma fotocópia com adivinhas de Natal.

Como ideia final, as duas professoras que constituíam o par pedagógico prepararam uma peça de teatro de fantoches para apresentar a toda a escola, no último dia de aulas do 1.º período. Fizemos a decoração do biombo dos fantoches, elaborámos os fantoches, preparámos o texto e representámos.

Inicialmente, as estagiárias começaram por pesquisar uma peça de Natal adequada para os níveis de escolaridade dos destinatários (Pré-Escolar e 1.º Ciclo). Depois, foi escolhida a peça com uma história curta e simples, mas com uma

moralidade para levar os alunos a entenderem que o Natal era muito mais do que as prendas recebidas.

Posteriormente, foi construído o cenário, enfeitando a fantocheira alusiva ao Natal (estrelas douradas, botas verdes e brancas, pinheiro decorado rodeado de prendas) e os quatro fantoches (Menino, Pai Natal, S. Nicolau e presente).

A peça foi apresentada, no último dia do 1.º período, dia em que se festejou o Natal na escola. Antes de ser apresentada a peça de teatro “Uma entrevista ao Pai Natal”, fizemos uma abordagem ao texto com as crianças, dizendo o que se passava de seguida. Durante a peça, pediu-se a interação dos alunos com as personagens da história, promovendo assim a atenção dos discentes. No final da representação, foram feitas algumas perguntas relativas à peça de teatro, para assim se aferir se os alunos entenderam quais as ideias-chave que se podiam retirar desta história.

Todas as atividades realizadas com o grupo, principalmente as de cariz lúdico, proporcionaram uma grande interação entre a docente e os alunos, conseguindo-se assim, conhecer mais aprofundadamente o grupo. Os alunos gostaram imenso da peça de teatro, a atividade final do período, e estavam muito contentes, porque eram as professoras deles que estavam a representar.

O estágio realizado no 2.º Ciclo do Ensino Básico iniciou-se com uma observação de uma semana, para conhecer melhor a turma, a docente e os seus métodos de ensino.

Na segunda semana de estágio, as estagiárias começaram a planificar e a estruturar com a docente toda a calendarização das aulas. Como as intervenções já não eram novidade para as estagiárias, estas decidiram desde logo que fariam mais intervenções para estar mais em contacto com a turma, na prática pedagógica.

Com o consentimento da docente, que nos incentivou desde o início a planificarmos e darmos todas as aulas até ao fim do período desde que nos sentíssemos à vontade para tal, fomos muito mais interventivas.

A professora estava a lecionar o texto poético, e foi por aí que começámos. Escolhemos um texto poético do manual escolar para explorar com a turma, quanto à sua estrutura interna e externa.

No dia 29 de abril, lecionámos a nossa primeira aula no 5.º C, o texto poético “O elefante” de Leonel Nunes.

Começámos por uma leitura expressiva do poema, efetuada pelas estagiárias. De seguida, cada aluno leu uma estrofe do poema também expressivamente e afetivamente, seguindo-se a sua exploração, análise e interpretação, em diálogo moderado entre os alunos e as docentes, bem como a exploração semântica. (De que fala o texto? O que descreve? O elefante que já viram ou de que já ouviram falar é igual ao que o texto descreve? Conhecem alguns títulos, textos, contos, histórias em que participem elefantes?).

Na exploração da estrutura interna e externa do poema, focámos: esquema estrófico e esquema rimático. Quanto ao Conhecimento Explícito da Língua, abordámos a formação de palavras por derivação (sufixação), a adjetivação, fizemos a análise sintática dos constituintes da frase: grupo preposicional, grupo nominal, grupo verbal, estudámos os verbos regulares e irregulares (revisão das suas diferenças) nas categorias de tempo, modo e conjugação. De tudo foi feito um registo sistemático no caderno diário. Como atividade individual de oficina de escrita, cada aluno realizou um *palavra-puxa-palavra* sobre um animal à sua escolha, após o que os alunos leram à turma os seus trabalhos. Como trabalho de casa, elaboraram a ficha de trabalho do manual escolar correspondente ao poema explorado na aula.

Consideramos que a experiência foi positiva. Os alunos, desde o início, mostraram empatia e afeto pelas estagiárias, tendo-se estas sentido muito bem recebidas. E por isso a aula superou as nossas expectativas.

No dia 3 de maio, as estagiárias continuaram as intervenções conjuntas. Nesta fase, a turma tinha de estudar e analisar uma obra. A docente já tinha escolhido “A Fada Oriana” de Sofia de Mello Breyner Andersen. Juntamente com a professora começámos a preparar as aulas, a planificar a estruturar a melhor forma de explorar a obra com os alunos.

Para a apresentação da obra a explorar nas aulas - “A fada Oriana” de Sophia de Mello Breyner Andresen preparámos várias etapas:

- 1) Desafiar os alunos com questões pertinentes como (De que trata o livro? Quem será a Oriana?);
- 2) Relembrar da infância com o diálogo: (O que é uma fada? Quantas histórias conhecem com fadas? As fadas são todas boas?);

- 3) Manuseamento da obra: estudo da capa, contracapa, lombada, número de páginas, editor, edição...
- 4) Leitura do texto poético de Antero de Quental – “As Fadas” com projeção da poesia e breve exploração da poesia (projetando imagens de fadas).
- 5) Entrega do conto fotocopiado aos alunos.
- 6) Leitura e interpretação dos primeiros dois capítulos da obra (capítulo 1: “As Fadas boas e Fadas más”; capítulo 2: “Oriana”);
- 7) Noção da introdução, desenvolvimento e conclusão da obra.
- 8) Caracterização das personagens, quem é a personagem principal; caracterização física e psicológica da fada (esquema);
- 9) Tipo de narrador;
- 10) Importância do diálogo – discurso direto.

Quanto ao conhecimento explícito da língua, trabalhámos os verbos, o tempo (presente, pretéritos e futuro), o modo (indicativo e conjuntivo), o tipo (transitivo, intransitivo, copulativo) a conjugação (ar, er, ir), o tema (a, e, i – define-se pela última vogal) e verbos regulares e irregulares. Estudámos os constituintes da frase grupo nominal, verbal, adjetival e preposicional e fizemos análise sintática.

Como oficina da escrita, propusemos um trabalho para casa - Os alunos pesquisavam a biografia e bibliografia de Sophia de Mello Breyner, fazendo um pequeno trabalho (os alunos deviam apresentar os seus trabalhos no final do estudo da obra).

Os discentes mostraram-se sempre muito empenhados, atentos e com vontade de trabalhar. Foram muito produtivas as seis aulas em que lecionámos esta temática.

Concluindo, tanto no 1.º como no 2.º ciclo, as professoras cooperantes foram uma mais-valia, pois ajudaram, aconselharam e orientaram o nosso trabalho de forma a estarmos à vontade e desinibidas. Por outro lado, tanto os alunos do 1.º ciclo como os do 2.º ciclo corresponderam às nossas expectativas, pois estavam interessados e motivados para realizarem e participarem em todas as atividades.

Concluimos que o professor deve estudar as capacidades e necessidades do grupo que tiver de instruir e, ao mesmo tempo, dispor e ordenar condições para que a

matéria e o conteúdo das experiências satisfaçam as necessidades e desenvolvam as capacidades.

O espaço aula deve ser um local privilegiado, onde professor e aluno sintam harmonia e empatia entre si, a fim de poderem, em grupo, entrelaçar conhecimentos/saberes que possam influenciar o conhecimento/ aprendizagem científico-pedagógico. É com este espírito que o docente deve entrar em sala de aula.

O plano de aula deve ser suficientemente flexível para permitir o livre exercício da experiência individual, e, ainda assim, suficientemente firme para dar atenção ao contínuo desenvolvimento da capacidade dos alunos.

Assim sendo, a planificação é um processo reflexivo em que o docente vai aprendendo e exercitando a sua capacidade de perceber as necessidades das crianças, localizando os problemas detetados e indo à procura das suas causas, procurando resolvê-los, atingindo determinados objetivos.

O professor nunca se deve esquecer de motivar os seus alunos, tendo em conta vários fatores que não só o implicam a ele mas também a cada um dos alunos como indivíduos únicos. Deve, ainda, ser capaz de criar nos alunos uma forte motivação que lhes permita uma boa aprendizagem e dar-lhes os meios necessários para os fazer singrar por si próprios. Acho que, neste aspeto, as aulas foram bem sucedidas e corresponderam às nossas expectativas.

A tarefa do professor tem, impreterivelmente, de caminhar no sentido de ajudar o aluno a saber orientar-se face aos problemas de ordem vária que o rodeiam, despertando nele o sentido crítico e inculcando no mesmo valores que lhe permitam, no futuro próximo, atuar como um cidadão consciente e humano nas suas atitudes.

Em todas as aulas, o diálogo deve ser uma constante, pois é muito importante que a criança se sinta à vontade para expor os seus medos, anseios, felicidades, ansiedades. O aluno vê, assim, no docente, um amigo e não uma pessoa mera transmissora de conhecimentos.

V. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Barbeiro e Pereira (2007) afirmam que “a capacidade de produzir textos escritos constitui hoje uma exigência generalizada da vida em sociedade.”

Na verdade, desde muito cedo, no 1.º ciclo, e às vezes ainda antes, no pré-escolar, as regras e as normas do ensino/aprendizagem da escrita constituem algo que se diz muito difícil e, por vezes, até muito cinzento, pois dá-se um valor negativo a esta tarefa, a de escrever. Apesar de todas as preocupações manifestadas em relação à escrita, o que é facto é que, de um modo geral, há dificuldades em se conseguir um bom desempenho dos alunos e a solução não se afigura fácil.

Segundo António Gomes, (2010)², “as obrigações formatam (aparentemente) a ideia de que o ensino/aprendizagem da escrita tem de ser algo, fatidicamente, cinzento e rotineiro.” Para que tal não aconteça, Dalila Rodrigues (s/d: 1)³, refere a necessidade de desenvolver a criatividade:

“Compete ao professor proporcionar meios motivadores que contribuam para o desenvolvimento da capacidade expressiva e criativa da criança. Assim, através da expressão livre, a criança projeta-se no que faz, e se a expressão livre, desde a infância, revela o ser, com todas as suas potencialidades criativas, a sua prática continuada ajuda a estruturar e a desenvolver a personalidade humana.”

João Mancelos (s d: 37)⁴ refere esta dupla vertente, de obrigação e prazer, na iniciação à escrita: “Entre a obrigação e o prazer que o escrever pode implicar, há um longo percurso: a escrita, umas vezes, é conquistada de forma consciente, outras, como que por osmose, associa-se à leitura.”

Pode, portanto, concluir-se que, de um modo geral, há dificuldades em se conseguir um bom desempenho dos alunos e a solução não se afigura fácil.

Assim, e antes de retomarmos a questão pedagógica enunciada anteriormente (como ensinar a escrever?), parece-nos relevante recordar alguns aspetos inerentes à escrita, no sentido de orientar a nossa exposição. Em primeiro lugar, convém ter presente que a escrita coexiste com as outras competências da língua: a leitura, a

² <http://pnepaesct.blogspot.pt/2010/05/oficina-de-escrita.html>

³ <http://www.slideshare.net/alfredoslopes/processos>

⁴ http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/95/Cad_2EscritaCriativa.pdf?sequence=1

oralidade e o conhecimento explícito, com elas se relacionando em diferentes dimensões. Como dizem Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997: 12): “as três grandes capacidades que derivam da organização e funcionamento da mente humana são o reconhecimento, a produção e a elaboração”.

A escrita é, portanto, uma realidade multifacetada (Barbeiro & Pereira, 2007):

“Longe de termos caminhado no sentido de pedir apenas a alguns a tarefa de produção textual, a sociedade contemporânea reforça cada vez mais a necessidade de os seus membros demonstrarem capacidade de escrita, segundo um leque alargado de géneros. Assim a escola deve tornar os alunos capazes de criar documentos que lhes deem acesso às múltiplas funções que a escrita desempenha na sociedade.”

E acrescentam: “Há múltiplas situações de aprendizagem e diferentes conceitos de texto, no entanto, são conceitos que eles vão aprendendo e aperfeiçoando ao longo da sua caminhada escolar.”

Entre a fase do rabisco e a conclusão do trabalho escrito, da sua perfeição ou a precisão das ideias, há um caminho a percorrer, pois podemos reconhecer algumas dificuldades sentidas pelos alunos. Estes gostam de escrever logo o produto final, sem pensar primeiro e passar pelas etapas da escrita, (pensar, refletir, organizar e concretizar).

João Gonçalves de Matos (2005: 38), refere que, hoje, escrever um texto implica esforço e pressupõe tempo, e cada pessoa tem o seu tempo, não surpreende que a tentação seja o recurso à opção mais fácil, mais rápida e mais cómodo. Por isso, o professor deve ter sempre o cuidado de acompanhar e auxiliar o seu educando no sentido da caminhada ser feita de forma gradual, do simples para o complexo, do ensino/aprendizagem da escrita, para que esta não seja comprometida para o futuro.

Muitas implicações, a nível do ensino/aprendizagem da escrita, tem a motivação dos alunos para o ato de escrever. Se eles lerem uma história, e se esta for cativante, se ficarem envolvidos com o tema vão sentir-se estimulados para redigir textos, com essa mesma finalidade, a de prender, agarrar os seus leitores. Por exemplo, na abordagem da história trabalhada ao longo do projeto, *Voar Em Guimarães*, de Maria José Meireles, os alunos mostraram-se entusiasmados e efusivos com o desenrolar dos acontecimentos. Assim, quando lhes foram propostas as atividades de escrita, a sua vontade era maior,

pois estavam envolvidos na história, produzindo e elaborando textos deliciosos de se lerem.

Entendemos também que refletir sobre a escrita significa também refletir sobre o modo como pensamos, como somos e agimos ao longo da História. Portanto, para um professor, não fará sentido pensar num ensino da escrita descontextualizado do mundo dos seus alunos. Isto foi tido em conta quando foi feita a escolha do livro a trabalhar. Procurou-se uma história sobre as raízes, sobre o país, não esquecendo que toda a ação da história decorre na cidade de Guimarães, local bem conhecido dos alunos.

É, portanto, importante conhecer o aluno, os seus interesses, as suas prioridades, as suas preocupações e os seus medos. Se a escrita, estiver relacionada com a história de cada um de nós, acaba por ser muito mais significativa.

De acordo com Gonçalves Matos (2005), o ato de escrever pressupõe condições reflexivas sobre a linguagem, já que é por aquilo que sabemos e somos, em termos de funcionamento da língua, que passa a nossa expressão escrita e a nossa intervenção social e cultural. Para este autor *há uma forte e espontânea ligação entre a escrita e a criatividade, que deverá ser explorada em termos pedagógicos e que poderá fazer a diferença no como ensinar a escrever.*

Inês Duarte (2001:121) diz que a criatividade é

“um conceito que não é sinónimo de imaginação ou originalidade, antes designa uma propriedade do uso da língua ancorada no desenho da linguagem humana” envolvendo três aspetos: “carácter ilimitado, independência do controlo de estímulos e adequação à situação linguística.”

E acrescenta:

“Detectar, descrever e compreender os produtos da criatividade linguística supõe uma formação linguística sólida, mobilizável na análise dos enunciados dos alunos, os quais, para ouvidos e olhos treinados, fornecem sempre pistas que nos permitem diagnosticar dificuldades sentidas e áreas problemáticas de desenvolvimento na esfera das competências linguística, comunicativa e textual”.

Cada aluno tem o seu ritmo, o seu estilo, o seu mundo e a suas características, e por vezes estas condicionantes nem sempre são fáceis de trabalhar no sentido de preparar uma atividade para a turma., Preparar uma atividade adequada a cada aluno é

uma tarefa quase impossível de ser concretizada nas salas de aula existentes nos dias de hoje.

De acordo com Matos (2005), ao longo dos últimos anos tem havido algum trabalho para se mudar mentalidades, mudar as práticas para que a prática da escrita não se reduza a registo de respostas e pouco mais. Perante novas realidades ideológicas, culturais e sociais que arrastaram consigo novos desafios para as salas de aula, é importante dar uma resposta adequada.

O educador/professor deve, portanto, ir de encontro aos seus alunos e procurar reconhecer as pistas deixadas pelos alunos, sobre os seus interesses e sobre as dificuldades sentidas a nível da escrita, de forma a minimizar males futuros, e ruturas irreversíveis, uma vez de costas voltadas, para a leitura e para a escrita, dificilmente este efeito é emendado.

VI. O PROJETO DE INTERVENÇÃO

Ao longo desta caminhada, enfrentámos momentos de dificuldades, repletos de angústias, medos, inseguranças desespero, choros, enfim... Porém, tenho a certeza de que cada minuto que vivenciámos nesta caminhada contribuiu para o nosso amadurecimento profissional e pessoal.

As dificuldades refletiram-se, especialmente, no nosso projeto de estágio, pois planificar, desenvolver, reproduzir e pôr em prática não é fácil. Infelizmente, o tempo de duração do projeto não foi o mais adequado para o desenvolver mais e melhor.

O facto de o estágio ser de curta duração fez com que não realizasse todas as atividades pensadas. Esse fator “tempo” foi também difícil de controlar e gerir. Mas, no entanto, foi um período de muita aprendizagem e crescimento. A cada texto lido, a cada descoberta, a cada atividade...

O momento do primeiro estágio foi muito especial para mim, pois representou um processo de crescimento, no qual pude refletir sobre toda a minha caminhada. Foi o momento de aplicar o conhecimento adquirido na teoria e de conhecer a realidade desse trabalho.

Após uma longa jornada de pesquisas e aprendizagens, pude constatar que o meu entusiasmo e a perseverança sempre me acompanharam e, por tudo isto, chegou a altura de refletir um pouco sobre todos os trabalhos realizados durante este período de estágio.

Um outro facto é a dimensão relacional, pois está centrada no clima afetivo de uma sala de aula. A criação de um clima amigável na sala, respeitando a individualidade de cada aluno, é indispensável para uma boa aprendizagem.

1.º Ciclo:

No primeiro dia de implementação do projeto no 1.º ciclo do Ensino Básico, os alunos começaram o dia a escrever o sumário da aula anterior. De seguida, mostrei uma mochila que tinha levado de casa e disse-lhes que íamos fazer uma viagem. Os alunos de imediato disseram que sabiam qual era a história que iam estudar “Voar em Guimarães”. Comecei a tirar os objetos da mochila e a perguntar o que cada um era e o que significava: a bicicleta, um menino, o castelo, D. Afonso Henriques, postais da

cidade de Guimarães. Toda a obra é muito rica em História e explica uma época muito rica do nosso passado, a fundação da nacionalidade.

Os alunos foram decifrando os objetos, de forma ordenada, sempre orientados e moderados por mim.

Os postais foram passando de mesa em mesa, de forma a que os alunos vissem melhor os monumentos que estavam referenciados. Os discentes estavam entusiasmados e participativos.

Posteriormente, passei à exploração do livro, fazendo em conjunto a análise da capa, contracapa, guardas ... Assim, distribuí a fotocópia da capa do livro e a primeira atividade consistiu na elaboração de um pequeno texto, imaginando o assunto da obra a partir do que o título lhes sugeria.

Os alunos realizaram o exercício individualmente e em silêncio, após o que leram, em voz alta, os seus trabalhos à turma.

A segunda atividade surgiu depois da leitura do primeiro excerto da obra, sobre o século X, feita pelo professor. Os alunos, autonomamente, exploraram este excerto através dos círculos de leitura. Organizei a turma em cinco grupos heterogéneos de cinco elementos, juntando alunos do 3.º ano com alunos do 4.º ano. A turma já estava habituada a trabalhar em grupo e a fazer esta atividade de círculos de leitura, por isso não foi necessário grandes explicações e diretrizes.

Da parte da tarde, a turma continuou, em grupo, a realizar a atividade iniciada na parte da manhã. Enquanto os alunos trabalhavam autonomamente, eu deslocava-me pelas carteiras de forma a orientar e a ajudar na realização da tarefa. Quando os grupos terminaram, entregaram-me os trabalhos e eu fui corrigindo.

Entretanto, os alunos começaram a fazer as suas apresentações à turma. Assim, a turma fez o reconto do primeiro excerto, o século X.

Informei então a turma sobre o que iam fazer na aula seguinte, a leitura do próximo excerto seria dialogada, e, assim, era necessário distribuir as tarefas em função das personagens. Os alunos ofereceram-se de imediato para os diferentes papéis.

Posteriormente, projetei as imagens correspondentes ao excerto estudado, e, mais uma vez, fizeram o reconto através das imagens.

Como última atividade, distribuí uma fotocópia com as letras das músicas referentes ao tema de cada capítulo da obra, do CD “Cantar Guimarães”. Ouviram a música correspondente ao século X “Mumadona” e, de seguida, cantaram-na. Os alunos

estavam muito contentes com esta atividade, pois adoravam cantar e ter tarefas diferentes.

Retomando a obra, forneci uma ficha formativa sobre a numeração romana e os séculos, após o que realizaram exercícios de matemática.

Para terminar a aula, sugeri que fizessem um trabalho de casa, dentro da oficina da escrita: cada aluno, individualmente, ia imaginar o testamento da Condessa Mumadona.

No segundo dia de implementação do projeto, comecei a aula por divulgar os resultados da ficha de matemática e perguntar quem tinha feito o trabalho de casa. Alguns alunos quiseram ler os seus trabalhos em voz alta para a turma.

De seguida, projetei um vídeo, “O Primeiro Rei de Portugal”, fazendo referência aos factos históricos que eram referidos na obra.

Os alunos, que tinham sido escolhidos para ler o segundo capítulo da obra - o século XII, começaram a posicionar-se para iniciar a leitura dialogada.

Depois, fizemos o levantamento do vocabulário mais difícil e explorámos o excerto. Para verificar se o texto tinha sido assimilado, os alunos preencheram uma grelha de compreensão escrita, sob a modalidade de verdadeiro/ falso.

Procedi à correção oral da ficha de trabalho, tendo os alunos mostrado conhecimentos e aprendizagens.

Para iniciar o excerto seguinte, o século XIII, distribuí uma ficha de trabalho com um texto lacunar. Os alunos leram o texto, após o que foram preenchendo os espaços em branco, enquanto a docente lia o texto.

Completa a leitura do texto pelo professor, os alunos passaram à sua leitura, tendo cada aluno lido um parágrafo do excerto do século XIII.

Escolhido aleatoriamente, um aluno fez o resumo oral do excerto, para situar colegas que tinham chegado entretanto e não tinham assistido a essa parte da aula.

No final da aula, projetei imagens alusivas e os alunos cantaram a música correspondente a este excerto, “A 24 de Junho”. Preparámos ainda a aula para o dia seguinte. Os alunos começaram a distribuir as personagens para o reconto da obra e para pousarem as figuras no tapete narrativo e iniciaram o ensaio.

No terceiro e último dia de implementação do projeto, comecei por dialogar com os alunos sobre os capítulos lidos, passando depois para a distribuição do resto do texto,

o excerto relativo ao século XIV. Fiz a primeira leitura do excerto e, de seguida, cada aluno leu uma parte do texto.

Concluída a leitura da obra, passámos para o levantamento do vocabulário e de expressões do texto. Ouviram e cantaram a música correspondente a este século, “Lá vai D, João I”.

Realizámos, então, a síntese da obra. Cada aluno escreveu no quadro o que tinha retirado de toda a leitura e, assim, fizemos o resumo da obra por séculos.

Depois, organizei os alunos à volta do tapete narrativo e estes começaram a encenar toda a obra, com os objetos e as personagens. Enquanto uns liam, os outros colocavam os objetos no local correspondente.

O tapete narrativo foi um sucesso, os alunos adoraram fazer esta atividade, divertindo-se imenso enquanto aprendiam.

Como conclusão do estudo da obra, os alunos fizeram uma atividade de oficina de escrita, elaborando individualmente um guião de leitura de toda a obra, no qual disseram qual a personagem de que mais tinham gostado e o motivo por que sugeririam a leitura deste livro a um amigo.

Como trabalho de casa, os alunos tinham de redigir um texto criativo, com a seguinte temática: imagina agora que Afonso João tem mais uma aventura no mundo da fantasia e a senha é “magia”.

Durante a tarde, os alunos organizaram todas as fotocópias e todas as atividades do projeto no caderno diário. Recolhi os guiões de leitura para corrigir em casa e distribui um questionário a cada aluno para eles preencherem. O questionário consistia em perguntas do tipo: “Costumas ouvir história na hora de ir dormir?”; “Quem costumar contar essas histórias?”, “...”.

Este questionário surgiu para percebermos se os alunos tinham hábitos de leitura, se gostavam de ler, e se o gosto pela escrita e a sua criatividade era influência do seu historial de contacto com os livros ou mera coincidência.

E assim terminou a semana de implementação do projeto, com muito trabalho, por vezes, angústia e ansiedade. Considero que, no final, todo o esforço foi recompensado e concluído com sucesso. A ajuda, acompanhamento e apoio da professora titular e da colega de estágio foram fundamentais para a conclusão desta tarefa.

Não posso deixar de referir um problema que afetou o trabalho, o facto de a escola estar em obras. Estas melhoraram as condições da escola, mas não ajudaram em nada na concentração dos alunos e a realização das aulas. O barulho constante e intenso, durante a semana de implementação do projeto, perturbou muito as minhas aulas, a minha concentração e a dos alunos, que faziam um grande esforço. Este contratempo também não facilitou o controlo da disciplina na turma, pois nem sempre os alunos me ouviam quando o barulho era mais forte.

Em suma, como futura professora vou tentar ser condutora e facilitadora da aprendizagem e organizadora de trabalho, possibilitando a análise e discussão de problemas, a fim de estimular a aprendizagem pessoal de cada aluno.

2.º Ciclo:

No primeiro dia de implementação do projeto, os alunos começaram a aula escrevendo o sumário. De seguida, apresentei a obra à turma e passei à exploração do livro, fazendo, em conjunto, a análise da capa, contracapa, guardas... Assim, distribui a primeira atividade:

Num pequeno texto, imagina de que trata a obra, diz o que te sugere o seu título?

Os alunos realizaram o exercício, individualmente e em silêncio, após o que leram, em voz alta, os seus trabalhos à turma.

Posteriormente, distribuí o livro fotocopiado à turma para passarmos à leitura, feita por mim, do primeiro excerto da obra, relativo ao século X. Fizemos o levantamento do vocabulário desconhecido e chamei a atenção para os aspetos mais relevantes.

Através da análise sintática de uma frase do excerto, explorei uma temática nova, o modificador. Para esclarecerem algumas dúvidas, foi entregue a cada aluno uma ficha formativa com exercícios práticos, que resolvemos, oralmente, em conjunto.

Informei, então, a turma sobre o trabalho da aula seguinte e disse aos alunos que a leitura do próximo excerto seria dialogada, pelo que era necessário definir quem leria a parte correspondente a cada uma das personagens. Os alunos ofereceram-se de imediato para os diferentes papéis.

Como última atividade, distribuí uma fotocópia com as letras das músicas que do CD “Cantar Guimarães”. Ouviram a música correspondente ao século X, intitulada “Mumadona”, que, de seguida, cantaram. Os alunos pareceram entusiasmados com esta atividade. Sobre a relevância das atividades desta natureza, Santos (1997) afirma que “a formação lúdica possibilita ao educador/ professor conhecer como é a pessoa, saber as suas possibilidades, desbloquear resistências, e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo para a vida da criança, do jovem e do adulto.”

Para terminar a aula, sugeri que fizessem um trabalho de casa, ligado à oficina da escrita: cada aluno deveria imaginar o testamento da Condessa Mumadona.

O bloco seguinte, de 45 min., relativo à disciplina de História foi lecionado também por mim. Como a obra tem muitos factos históricos, e uma vez que o tempo era curto para lecionar tudo em Língua Portuguesa, fiz o ponto dos acontecimentos nesta aula.

Entreguei um guião de leitura com um friso cronológico, que os alunos tinham de preencher depois de verem com atenção um vídeo intitulado “O Primeiro Rei de Portugal”.

Os alunos fizeram uma pré-leitura da ficha, depois assistiram ao vídeo e, por fim, responderam às questões. A correção foi feita, oralmente, pelos alunos.

No segundo dia de implementação do projeto, comecei por perguntar quem tinha feito os trabalhos de casa, que recolhi. De seguida, fiz o feedback da aula anterior, permitindo que os alunos relembassem os conteúdos abordados.

Para recapitular o conteúdo gramatical trabalhado, escrevi algumas frases no quadro sobre a obra e pedi aos alunos que fizessem a análise sintática.

Os alunos, que tinham sido escolhidos para ler o segundo capítulo da obra, relativo ao século XII, começaram a posicionar-se para iniciarem a leitura dialogada.

Depois dessa leitura, fizemos o levantamento do vocabulário mais difícil e explorámos o excerto. Os alunos preencheram uma grelha de compreensão escrita do tipo verdadeiro/ falso.

Procedi à correção oral dessa ficha, tendo os alunos evidenciado conhecimento e aprendizagem.

Para iniciar a análise do excerto, seguinte, referente ao século XIII, outros alunos fizeram uma leitura dialogada, e, em pares, concretizaram uma atividade em oficina de escrita, recontar o texto acabado de ler pelos colegas. Entreguei, então, uma ficha de

trabalho com duas imagens: a de uma oliveira e a da Igreja da Nossa Senhora da Oliveira. A partir destas e da leitura dos colegas, os alunos tiveram de fazer o reconto da história. Como salienta Andrade (1997): “O professor terá que criar momentos, através dos quais os alunos possam ouvir e ler histórias, pelo simples prazer de ler ou ouvir, sem cobranças...”

Observei que a turma tinha dificuldade em trabalhar em grupo e não estava habituada a fazer atividades de oficina de escrita, pois tinham dificuldades em desenvolver e transcrever para o papel as ideias.

No final da aula, cantaram a música correspondente ao excerto, “A 24 de Junho”.

No terceiro e último dia de implementação do projeto, comecei por dialogar com os alunos sobre os capítulos lidos, passando depois para a leitura do excerto correspondente ao século XIV. Fiz a primeira leitura do excerto e, de seguida, cada aluno leu uma parte do texto.

Concluída a leitura da obra, passámos ao levantamento do vocabulário e de expressões do texto. Ouviram e cantaram a música respetiva, “Lá vai D, João I”.

Posteriormente, passaram à síntese da obra, tendo cada aluno referido os acontecimentos de que se lembrava. Projetei a síntese no quadro e os alunos passaram-na para o caderno diário.

Como conclusão da obra, os alunos fizeram uma atividade de oficina de escrita, elaborando, individualmente, um guião de leitura de toda a obra, tendo indicado qual a personagem de que mais tinham gostado e as razões dessa preferência, e explicado por que sugeririam este livro a um amigo.

Deste modo, terminou a semana de implementação do projeto no 2.º Ciclo do Ensino Básico. Implicou muito trabalho, mas considero que, no final, todo o esforço foi recompensado. O apoio da professora titular e da colega de estágio foram, mais uma vez, fundamentais para a conclusão da tarefa.

“Educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, aquele caminho que o professor considera o mais correto, mas é ajudar a pessoa a tomar consciência de si mesma, dos outros e da sociedade. É aceitar-se como pessoa e saber aceitar os outros. É oferecer várias ferramentas para que a

pessoa possa escolher entre muitos caminhos, aquele que for compatível com seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Educar é preparar para a vida”. (KAMI, 1991: 125).

Acredito que, para alguém que nunca teve contacto com a sala de aula, é mais difícil e desafiador ser professor do que para quem já tenha alguma prática, pois, com à medida que fui intervindo, tudo se ia tornando muito mais fácil, já não era tudo novo. Contudo, foi preciso garra, força de vontade, para concluir esta etapa.

As minhas expectativas para o estágio eram as melhores possíveis, podendo resumi-las numa única palavra: Aprendizagens.

Estava a chegar ao final de mais uma etapa da minha vida, a conclusão do mestrado e com ele a construção de muitos sonhos, planos... Porém, penso que a batalha começa agora e que é preciso força, energia, amor e vontade de mudança por uma educação mais inclusiva, mudança por uma escola em que o aluno se possa perceber como sujeito construtor da sua própria história e esteja consciente da importância do seu papel como cidadão no meio o qual está inserido.

Ao longo deste estágio, as aprendizagens foram inúmeras, a integração num grupo de trabalho e o trabalho em equipa foram importantes, o relacionamento interpessoal foi reforçado nos últimos meses.

O facto de o estágio ser de curta duração fez com que não realizassem todas as atividades pensadas e o fator tempo também foi difícil de controlar e gerir. No entanto, foi um período de muita aprendizagem e crescimento, a cada texto lido, a cada descoberta feita, a cada atividade concretizada ...

Após uma longa jornada de pesquisas e aprendizagens, posso constatar que o meu entusiasmo e a perseverança sempre me acompanharam.

VII. TRABALHOS ELABORADOS PELOS ALUNOS

Oficina da escrita:

O que é que o título e a imagem deste livro te levam a pensar sobre a obra?

Através da capa eu retiro que esta história se vai passar em Guimarães. A história conta o encontro de pessoas durante alguns séculos, por um menino que estava a andar de bicicleta no tempo e no espaço.

André Oliveira

5.º ano

Era uma vez uma cidade muito grande e bonita. Chamava-se Guimarães e era visitada por muita gente. Numa noite calma, foi lá um menino chamado João com uma bicicleta. A cidade era tão bonita, tão bonita que o menino começou a voar com a bicicleta e observou muitos monumentos. Viu um dos mais raros monumentos: o castelo. Teve uma viagem atribulada de monumentos.

Patrícia Gomes

3.º ano

Um menino decidiu ir dar uma volta a Guimarães numa bicicleta mágica. Vai dar uma grande volta por Guimarães e no fim vai conhecer a cidade como a palma da mão.

Fará amigos e conhecerá muitas coisas na sua viagem imaginária pelo mundo da fantasia e do conhecimento.

Pedro Cunha

4.º ano

Eu imagino que “Voar em Guimarães” é viajar no tempo, conhecer todos os monumentos de Guimarães e conhecer o primeiro Rei de Portugal.

João Augusto

5.º ano

Oficina da escrita:

Num pequeno texto imagina o testamento da Condessa Mumadona Dias.

Uma menina com apenas dez anos foi de visita com os seus pais à biblioteca municipal de Guimarães.

Foi então que viu um livro intitulado “Tratado de Mumadona Dias”, e dizia:

“- Eu, condessa Mumadona, alerto todos os criminosos que quiserem ferir, amaldiçoar nas terras de Guimarães que ficará preso até ao último minuto da sua vida.”

Ana Beatriz

4.º ano

Eu estava em casa e encontrei um testamento. Quando o li fiquei maravilhado. Era do século X. Era o testamento da Mumadona onde dizia que quando morresse passava tudo para as pessoas legítimas.

Carlos Fernandes

3.º ano

Fui à biblioteca de Guimarães e encontrei um livro onde tinha o testamento da Condessa Mumadona Dias.

Nele dizia que, quando a Condessa morresse, dava a terra de Vimaranes ao seu filho. Assim ficava na família e sabia que ele não ia deixar fazer nada de mal aos Vimaranenses.

Catarina Pinto

5.º ano

Estava em casa sozinha, não sabia o que fazer, lembrei-me do novo jogo que a mãe me tinha comprado.

Fui ao sótão, pois o jogo estava lá. Procurei, procurei e enquanto procurava encontrei uma folha, mas não era uma folha qualquer, era o testamento da condessa Mumadona Dias que tinha escrito ao Condado de Portucale.

Resolvi lê-lo. Quando já o tinha lido, a mãe tinha acabado de chegar, eu corri para ela e disse:

-Sabes, mãe, hoje li o testamento que a Condessa Mumadona Dias escreveu antes da sua morte, e dizia: “Eu, Condessa Mumadona Dias, proprietária do Condado Portucalense, encontro-me muito doente e acho que a minha vida está por um fio. Mas não quero morrer sem achar alguém responsável para ficar com o Condado Portucalense. Esse alguém tem que ser uma pessoa no qual eu confio bastante. Por isso, deixo ao meu filho João Dias, que vai cuidar bem do Condado.

Espero que os Portugueses apoiem o meu filho como me respeitaram a mim.”

Catarina Freitas

5.º ano

Guimarães é uma daquelas cidades em que eu adoro passear: percorrer as ruas do centro histórico, visitar os museus e as igrejas. Mas, naquele dia, estava decidida a visitar a famosa biblioteca Raúl Brandão.

Quando lá cheguei, dirigi-me ao balcão e fui atendida por uma senhora simpática que me perguntou se estava à procura de alguma coisa em particular ou se queria apenas fazer uma simples visita. Então perguntei-lhe se havia ali documentos sobre a história de Guimarães. A senhora respondeu que sim e levou-me a uma sala, cheia de enormes livros e deixou-me ali ficar a pesquisar. Nesses livros encontrei imagens antigas sobre Guimarães que até me deu vontade de os ler a todos. Ao tirar um livro da prateleira caiu uma folha de papel que parecia ser muito antiga. Quando comecei a ler, qual não foi o meu espanto ao ver que se tratava do testamento de Mumadona Dias, onde dizia assim: “ Eu Mumadona Dias, governante do Condado Portucale e senhora da Vila de Vimaranes, declaro que é minha vontade que todas as terras que eu possuo fiquem para a minha filha. O castelo e todo o povoado ficam a ser governados pelo meu filho que, tal como eu, há-de fazer para o proteger dos infiéis e Deus todo o poderoso o há-de ajudar. O Mosteiro fica ao encargo dos monges e freiras que nele habitam, servirá também de refúgio para todos aqueles que precisarem...

Helena Cardoso

5.º ano

A condessa Mumadona foi ao médico porque estava a sentir-se mal. O médico disse-lhe que as lesões eram muito graves. Entretanto, analisou melhor e conseguiu ver se ela falecia ou não. No fim do tratamento, o médico disse:” Lamento mas as lesões são mesmo muito graves. O médico depois disse-lhe que já não sobreviveria. Depois de pagar a conta veio logo ter comigo e disse-me que queria que eu escrevesse um testamento e combinou comigo, no dia seguinte, na biblioteca municipal de Guimarães. No dia seguinte, lá fui eu para a biblioteca. Contratei um escrivão para me ajudar e então os herdeiros legais foram os três filhos e então ela disse que queria que tudo ficasse para eles, mas tinham de tratar bem da sua fortuna e da sua cidade, não esquecendo os vimaranenses.

Osvaldo Gonçalves

3.º ano

Oficina da escrita:

Imagina agora que Afonso João tem mais uma aventura no mundo da fantasia e a senha é “magia”.

Voar no mundo da fantasia

Numa noite silenciosa, Afonso João acordou com a voz grossa e intensa da sua bicicleta, que dizia:

- Afonso João, vamos ao mundo da fantasia!

Afonso João com um ar cansado respondeu:

- Esta bem! Deixa-me vestir a roupa.

Posteriormente, levantaram voo. Quando deram por si estavam de caras com um portão grande de muitas cores e com uma fechadura em forma de chupa-chupa. A bicicleta disse:

- Tens a senha...

O menino pronunciou MAGIA!

A porta abriu-se, e desvendou-se por trás de si uma extraordinária cidade da fantasia. Não resistiram e entraram.

Encontraram um jacuzzi de triplo chocolate, viram uma caverna de morangos, também uma porta de marshmallows, um sol de chocolate branco...

Devoraram aquilo num instante, mas se fosse brócolos da mãe não os comia.

Ficaram muito cheios. Entretanto, um anão chamado Limão, estava a vender sumo. Beberam tudo e disseram:

- Vamos ficar gordos como uma baleia... Vamos ver se por aqui há alguma coisa mais saudável!

Mas não havia...

E assim partiram para casa a pé, porque a bicicleta não aguentava com eles.

Bárbara Antunes

4.º ano

Voar no mundo da fantasia

A bicicleta do Afonso João desafia-o mais uma vez para irem viver a mais fantástica das aventuras no mundo da fantasia.

Afonso João já todo alegre por ter ouvido aquelas palavras tão bem feitas, saltou logo para o selim da bicicleta.

-Prepara-te e agarra-te, Afonso João, vamos entrar num portal magico- disse a bicicleta.

Mas para entrar nesse portal era preciso uma senha, que ele não sabia qual era. A bicicleta disse:

- A tarefa é tua!

E pensou logo, mundo da fantasia, e disse:

- Magia!

Abriu-se um buraco enorme, a sua bicicleta disse:

- Boa, conseguimos abrir o portal! Pedala! Vamos ir para o mundo da fantasia.

Francisca Marques

3.º ano

Voar no mundo da fantasia

A bicicleta de Afonso João desafiou-o a viajar no tempo outra vez, mas hoje para o futuro.

Então, ele saltou para a bicicleta e voaram para Guimarães século XXX.

A sua entrada tinha um portal em cada concelho para entrarem. Mas ele para entrar tinha que dizer um código.

Ele ficou tão emocionado que disse:

- Magia!

E ouviu uma voz.

- Código certo, por favor entre em Guimarães.

Então ele entrou e viu um sonho. A cidade estava diferente, tinha muita tecnologia avançada: tinha plasmas em todos os lados, carros voadores e cadeiras de rodas voadoras.

Afonso João foi ver os monumentos históricos como estavam.

Foi ao museu Alberto Sampaio, que já não o era. Era um stand de carros voadores

Depois foi a Igreja Nossa Senhora da Oliveira. Também já não o era, era uma discoteca.

Após tudo isto pensou, já não há igreja nem o museu, também já não deve haver nem Castelo, nem o Paço dos Duques. Então ele foi verificar. E ainda lá estavam.

Regressou a casa e disse:

- Ainda bem que eu não vou viver naquele século!

Tiago Soares

5.º ano

Voar no mundo da fantasia

Depois da despedida do Afonso João da Igreja da Nossa Senhora da Oliveira, no século XIV, dirigiu-se com a sua bicicleta a um mundo de fantasia, onde reinava o S. Desejo e a sua esposa D. Imaginação. Era um mundo muito lindo: com flores raras, campos verdejantes, casas com muitas formas engraçadas... mas havia poucos habitantes. Admirado, Afonso João dirigiu-se ao castelo, viu que os portões estavam fechados, e disse a senha:

- Magia.

As portas foram abertas por um aio que dirigiu Afonso João aos reis do castelo. Então, quando chegou à beira deles, perguntou porque é que num mundo tão bonito havia poucos habitações. Aí o rei disse que a maior parte das crianças e dos jovens

gostavam mais de playstation, da Nintendo e dos computadores, do que escrever um texto imaginário ou ler um livro.

Depois de Afonso João ter percebido este enorme problema decidiu resolvê-lo, fazendo com que os seus amigos deixassem de usar tantas coisas eletrônicas e passassem a fazer trabalhos mais divertidos.

Helena Cardoso

5.º ano

VIII. ANÁLISE DOS PRODUTOS

As dificuldades sentidas a nível da escrita e da leitura no atual contexto escolar do 1.º Ciclo do Ensino Básico constituíram a principal motivação do projeto “Incentivar à Escrita Criativa, o texto literário como polo inspirador nos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico”.

Tendo em conta o que tem sido o ensino/aprendizagem da escrita na disciplina de Língua Portuguesa, nos 3.º e 4.º anos do 1.º Ciclo de Ensino Básico, e no 5.º ano do 2.º Ciclo do Ensino Básico, sentimos necessidade de refletir sobre o processo subjacente a todo o nosso trabalho.

Entre a obrigação e o prazer que a escrita ao longo de toda a implementação do projeto implicou, os alunos mostraram-se empenhados, aplicados e com vontade de trabalhar. Podemos dizer também que os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico tinham mais aptidão para as atividades de escrita do que os alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, pois verificámos que os alunos dos 3.º e 4.º anos escreviam com mais frequência, eram mais motivados para a escrita e para a leitura do que os alunos do 5.º ano.

Os inquéritos serviram para podermos perceber os hábitos e leitura e a familiarização com os livros que os alunos traziam na bagagem, quer do ambiente escolar, quer do ambiente familiar.

Assim, tendo em conta os resultados dos inquéritos, analisámos os textos escritos dos alunos, as suas atividades de oficina da escrita e concluímos que a Escrita Criativa é uma proposta pedagógica válida, porque, efetivamente, as necessidades e problemas que sentimos na prática não se compadecem com a falta de esforço no sentido de reinventarmos materiais e estratégias adequadas aos tempos que correm.

Mais do que respostas, procurámos novos olhares sobre a questão da escrita. E acreditamos que algumas soluções podem ser encontradas na confluência gerada entre o “quem olha” e “o tempo em que olha”. Em termos de escrita, os tempos que correm podem não ser muito bons, mas teremos de ser nós, os de hoje, a reinventar e reorganizar o que temos para se conseguir melhorar a escrita de amanhã.

IX. CONCLUSÃO

Realizei o meu estágio com muita satisfação, muito empenho e alegria. Foi uma experiência magnífica, a todos os níveis, pois pude verificar e experimentar, na realidade, a prática docente e com esta experiência observei perfis de professores, podendo traçar já alguns modelos a seguir para o meu futuro como docente e outros a tentar evitar.

Certifiquei-me quão rica é esta profissão. Não é um trabalho fácil, mas muito gratificante. Tenho plena consciência de que as crianças de hoje são os cidadãos de amanhã. Esforçar-me-ei, ao longo da minha atividade profissional, por dar o meu contributo para formar pessoas cada vez mais justas, mais solidárias, mais verdadeiras

Como referem Alava e Palácios (2000):

“A auto-estima dos alunos depende da qualidade das relações que existam entre esta e aqueles que desempenham papéis importantes na sua vida. A criança tem necessidade de se sentir valiosa e digna de amor, e esta necessidade não acaba nunca. Sentir-se ou não amada influenciará definitivamente o seu desenvolvimento.”.

Após longas horas de observação, pesquisa e prática, posso concluir que os meus objetivos foram alcançados.

Procurámos soluções para uma melhor pedagogia da escrita, e constatámos que não se ensina a escrever e a ler de uma só forma: cada turma tem um contexto, cada aluno tem as suas especificidades e cada professor o seu mundo e o seu método. No entanto, também verificámos que há ambientes e percursos diferentes para tempos e realidades distintas que podem ser objeto de reflexão e partilha, como experiências pedagógicas e trabalho colaborativo.

Por esta razão, enfatizámos o esforço necessário ao “escrever um texto”, destacando alguns aspetos que têm implicação direta no sucesso do ensinar a escrever, e assim os alunos nos seus trabalhos escritos tiveram a oportunidade de mostrar as suas capacidades quer a nível da escrita, quer a nível da criatividade.

Com este estudo, procurámos refletir sobre a escrita na ótica da sua natureza. Neste ponto, o que pretendemos dizer, de forma simples, é que “escrever” é muito mais do que o simples gesto, pois implicada a noção de criatividade, não no sentido de

imaginação ou fantasia, mas no sentido mais próximo da origem, relativo ao “criar” soluções linguísticas que o simples uso da língua pode implicar.

Por esta razão, enfatizamos o esforço necessário ao “escrever um texto”, destacando alguns aspetos que têm implicação direta no sucesso do ensinar a escrever, e assim os alunos nos seus trabalhos escritos tiveram a oportunidade de mostrar as suas capacidades quer a nível da escrita, quer a nível da criatividade.

De acordo com Barbeiro e Pereira (2007):

“O próprio ato de escrever implica uma capacidade de tal ordem reflexiva que, valorizada a partilha da criatividade linguística na pedagogia da expressão escrita, podemos então perspectivá-lo como promotor para várias formas de criar soluções textuais no espaço de sala de aula.”

A defesa da criatividade linguística, como pretexto e ferramenta para o gosto e o prazer da leitura e da escrita, assim como os questionários preenchidos pelos alunos ajudaram a compreender a razão que motivava os alunos para ler e escrever.

Obviamente, na nossa opinião, a criatividade tem muitas outras virtualidades e não se confina apenas ao que é formalmente considerado aprendizagem.

X. BIBLIOGRAFIA

- (Org.) (2001) *A Linguística na Formação de Professores de Português*, CLUP, Porto.
- ALEIXO, C (2005) *A Vez e a Voz da Escrita*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ALONSO, L. (2004). *A Construção de um Paradigma Curricular Integrador*. Braga: Universidade do Minho.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *A Fada Oriana*. Lisboa: Figueirinhas, s.d..
- AZEVEDO, F. (2008). Desenvolver a Aprendizagem Activa de Competências Através da Literatura. In Otilia Sousa e Adriana Cardoso (Eds.) *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Lisboa, pp.75-88.
- AZEVEDO, Fernando (2011) *Poder, Desejo, Utopia. Estudos em Literatura Infantil e Juvenil*. Braga: CIFPEC.
- BARBEIRO, L. PEREIRA, L. (2007). *Ensino da Escrita: A Dimensão Textual*. Lisboa: Ministério da Educação.
- BARBEIRO, L. PEREIRA, L. (2007). *PNEP: O ensino da escrita; a dimensão textual*. Lisboa: Ministério da Educação.
- BUELL, Lawrence (2005) *The Future of Environmental Criticism: Environmental Crisis and Literary Imagination*. Malden, MA, and Oxford, UK: Wiley-Blackwell.
- CURTO, L. M. et. Alli (2002) *Escribir Y Leer*, Ministério de Educación y Ciencia,
- DEB (2001) *Currículo nacional do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- DEB (2004). *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico – 1º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Decreto-Lei Nº 241/2001. *Perfis gerais de competência dos educadores e professores do 1.º ciclo*. Lei de Bases do Sistema Educativo.

Disponível em www.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/f_litto/id260202.htm

Acesso em 02.02.2012.

- DUARTE, I. (2001) in FONSECA, F./DUARTE, I./FIGUEIREDO, O. (Org.) (2001) *A Linguística na Formação de Professores de Português*, CLUP, Porto.
- DUARTE, I. (2001) in FONSECA, F./DUARTE, I./FIGUEIREDO, O. Edelvives, Vols. I, II, III.
- *Educação Básica Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*, Lisboa: Ministério da Educação.
- FONSECA, F. (Org.) (1994) *Pedagogia da Escrita – Perspectivas*, Porto, Porto Editora.
- FONSECA, F./DUARTE, I. /FIGUEIREDO, O. (Org.) (2001) *A Linguística na Formação de Professores de Português*, CLUP, Porto.
- GONZALES, I. *Instruções de Escrita*. Lisboa : Ministério da Educação.
- LITTO, Fredric (s/d). *Previsões para o futuro da aprendizagem*. Coluna do autor no site Aprendiz, de 26/02/2002.
Disponível em www.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/f_litto/id260202.htm
Acesso em 02.02.2012.
- LITTO, Fredric. *Previsões para o futuro da aprendizagem*. Coluna do autor no site Aprendiz, de 26/02/2002.
- LODGE, D. (1992). *The art of fiction*. London: Penguin Books.
- MANCELOS, J. (2007). *Um pórtico para a escrita criativa*. In *Pontes & Vírgulas: revista municipal de cultura*, 2, 5, 14-15.
- MANCELOS, J. (2008). *A Escrita Criativa também se ensina* (recensão a *Ler como um escritor*, de Francine Prose). *Rede 2020*, 4, 2, 7-8.
- MATOS, João Carlos - *Escrita criativa*. Cadernos de Estudo. Porto: ESE de Paula Frassinetti. N.º 2 (2005), p.37-43
- ME (2009) *Programa de Língua Portuguesa do Ensino Básico*. Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- MEIRELES, M. (2002). *Voar em Guimarães*. 2º edição. Porto: Campo das Letras.
- OLIVEIRA, Formosinho (1996) *A Educação: a construção social da moralidade*. Lisboa. Porto Editora.
- PALCIOS, P. ALAVA, M. (2000). *Será Feliz uma Criança no Infantário?*. Porto Editora.

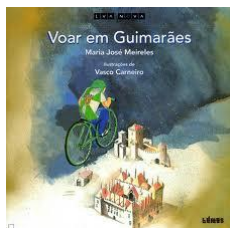
- PARÉ, A. (1977) in BACH, Pierre (1987) *O Prazer na Escrita*, Porto, Editores Asa.
- PEREIRA, Maria Luísa Álvares (2001: 42) *Viver a Escrita em Português*, Noesis, 59, Lisboa, IIE, Julho/Setembro.
- PÉREZ, J. (2009) *Coaching para docentes – Motivar para o Sucesso*. Porto, Porto Editora.
- PIAGET, J. (1986). *A formação do símbolo na criança*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- REIS, Carlos (1981) *Técnicas de Análise Textual*, Almedina, Coimbra.
- SENA-LINO, P. (2008) *Curso de Escrita Criativa*. Porto: Porto Editora.
- VASCONCELOS, T. (2005). *Ao Redor da Mesa Grande*. Porto Editora.
- VILAS, B. & ANTÓNIO, L. (2003). *Oficinas de Escrita: Modos de Usar*. Porto: Edições Asa.
- WILLIAMS, B. (1962). *The Long Revolution*. Harmonds Worth Middx: Penguin.
- Manuais escolares do 1.º ciclo e do 2.º ciclo:
 - CASTRO, M. GOMES, F. COSTA, M. (2011). *Trampolim – Estudo do Meio - 3º ano do Ensino Básico*. Porto Editora.
 - ANTUNES, F. LEMOS, F. (2011). *Trampolim - Língua Portuguesa - 3º ano do Ensino Básico*. Porto Editora.
 - ADRAGÃO, J. ADRAGÃO, M. BOLOÉ, A. PERREIRA, A. (2011). *Mar de Palavras – Língua portuguesa - 5º ano do Ensino Básico*. Lisboa Editora.

XI. WEBGRAFIA

- Agrupamento de Escola do Vale de S. Torcato: <http://aevst.com/>
- Agrupamento de Escolas de Santa Cruz da Trapa: <http://pnepaesct.blogspot.pt/2010/05/oficina-de-escrita.html>
- Áreas Curriculares não Disciplinares, disponível na hiperligação: www.esec-rodo.rcts.pt/areas_curriculares_nao_disciplinares.htm
- Escrita Criativa no 1º Ciclo – Cria Atividade, disponível na hiperligação: www.wordpress.com: escrita-criativa-no-1º-ciclo - cria atividade.
- Interação Professor Aluno no Processo de Ensino Aprendizagem, disponível na hiperligação: <http://www.aprenderjf.com/informativos.php?conteudo=31>
- Just another wordpresss.com site: <http://ticland.wordpress.com/>
- MANCELOS, J.:
<http://joaodemancelos.files.wordpress.com/2012/01/oensinodaescritacriativaemp Portugal.pdf>
- Plano Nacional de Leitura:
<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/escolas/orientacoes.php?idSubtopicoOrientacao=23>
- Repositório:
http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/95/Cad_2EscritaCriativa.pdf?sequence=1
- <http://www.slideshare.net/alfredoslopes/processos>

XII. ANEXOS

Anexos 1 - Questionário



Professora Estagiária: Bruna Costa

Projeto: Incentivar à Escrita Criativa – O texto literário como polo inspirador no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico

Agrupamento de Escolas do Vale de São Torcato

EB 2/3 de S. Torcato

QUESTIONÁRIO

«Ouves/ ouviste contar histórias?»

1. Frequentaste o ensino Pré-escolar?

Sim _____
Não _____

2. E durante esse período, a educadora tinha o hábito de ler histórias?

Sim _____
Não _____

3. Ouves contar/ ler histórias na hora de dormir?

Sim _____
Não _____
Às vezes _____

4. Ouves contar / ler histórias sem ser na hora de dormir?

Sim _____
Não _____

Às vezes _____

5. Quem te conta as histórias?

Numera as hipóteses de 1 a 6, colocando o nº1 naquele que conta as histórias com mais frequência.

Pai _____

Mãe _____

Avô _____

Avó _____

Irmão/ã _____

Outro _____

6. Preferes ou preferiste que te lessem/ contassem histórias ou que as inventassem?

Histórias lidas _____

Histórias inventadas _____

7. Tens por hábito ler à noite quando te deitas, antes de dormir?

Sim _____

Não _____

8. Os teus pais compram-te livros, como surpresa/ prenda?

Sim _____

Não _____

9. Quando vais às compras com os teus pais e lhes pedes um presente, esse pedido é atendido com a aquisição de livros infantis?

Sim _____

Não _____

10. Nos teus tempos livres, costumavas ler?

Sim _____

Não _____

11. Qual o livro que mais gostaste de ler?

12. Achas que se devem ler histórias às crianças?

Sim _____

Não _____

13. Ouves histórias na escola?

Sim _____

Não _____

Às vezes _____

14. Gostavas de ouvir mais?

Sim _____

Não _____